

## AS RAÍZES PRÉ-HISTÓRICAS DO PARANÁ: O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL

Cezar Felipe Cardozo Farias (UEM)<sup>1</sup>  
Ana Paula Mariano dos Santos (UEM)<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente comunicação objetiva apresentar a proposta de ensino da pré-história do Paraná nas escolas estaduais, tomando como referência o projeto desenvolvido junto ao Colégio Estadual Antonio Diniz Pereira, na cidade de Ivaiporã/PR. Essa atividade faz parte do PIBID. Aplicamos este projeto nos períodos de contra-turnos nas tardes de quintas-feiras, com o intuito de ampliar o conhecimento dos alunos sobre a História do Paraná, já que esta temática específica (a pré-história do Paraná) é pouca ou quase não trabalhada em sala de aula. Mesmo com a Lei 13.381/01, que torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, os conteúdos de História do Paraná, História Local e Regional, essa demanda não consegue ser cumprida, causando aos alunos a carência de tais conteúdos.

**Palavras-chave:** História do Paraná; Pré-história; Ensino.

**Financiamento:** CAPES/PIBID.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a temática da Pré-história do Paraná, uma das temáticas trabalhadas no projeto de ensino de História do Paraná do curso de História da UEM, Campus Regional de Ivaiporã, no Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira da cidade de Ivaiporã/PR que tem como agência financiadora a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, a qual viabilizou o desenvolvimento deste projeto.

O subprojeto de História da UEM do Campus Regional de Ivaiporã contempla três colégios da cidade, o Colégio Estadual Barão do Cerro Azul – Ensino Fundamental e Médio, o Colégio Estadual Idália Rocha e o Colégio Estadual Antonio Diniz Pereira. Já na cidade de Lunardeli/PR, o subprojeto contempla o Colégio Estadual Geremias Lunardelli.

As atividades foram iniciadas no início de 2014, quando foi estipulado um cronograma em que as metas e os objetivos foram traçados, envolvendo acadêmicos bolsistas participantes, supervisores dos colégios participantes, e os supervisores da instituição de ensino superior, com os quais desenvolveriam ao longo do ano atividades, reuniões e discussões acerca do ensino da educação básica tomando como referência os colégios envolvidos no projeto.

A primeira fase se deu em 3 etapas. Os 28 acadêmicos bolsistas foram divididos em pequenos grupos, cada qual em um colégio. O primeiro passo foi o

---

1 Acadêmico do 3º ano de graduação licenciatura do curso de História da Universidade Estadual de Maringá e participante do Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: [cezarfelipecardozofarias@hotmail.com.br](mailto:cezarfelipecardozofarias@hotmail.com.br).

2 Acadêmica do 3º ano de graduação licenciatura do curso de História da Universidade Estadual de Maringá e participante do Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: [nanasantosmariano@gmail.com](mailto:nanasantosmariano@gmail.com).

conhecimento do ambiente em que os participantes vivenciariam. O segundo passo se deu com leituras, reuniões e discussões acerca da legislação e das normas que regem a educação brasileira, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), das Diretrizes Curriculares da Educação Básica, e também dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) dos colégios participantes. A terceira fase seria o oferecimento de instrumental teórico como textos, recursos de vídeos, palestras etc.<sup>3</sup>

É neste cenário que no ano de 2015 surgiu a ideia de se trabalhar com os conteúdos de História local e regional, contemplados na Diretriz Curricular de Educação Básica de História, que faz menção sobre a História do Paraná e a importância de se trabalhar com estes conteúdos em sala de aula.

A ideia deste trabalho surgiu em uma reunião com os componentes do grupo do Colégio Estadual Antonio Diniz Pereira, quando um dos integrantes colocou em questão a proposta do ensino de História do Paraná e alegou-se que esta não seria trabalhada em sala de aula.

Ao colocarmos em pauta esta questão, pensamos a princípio que poderíamos fazer pequenas intervenções com cerca de 10 à 15 minutos nas aulas de História do supervisor do grupo do colégio, o professor Geraldo José Bueno, para expormos as questões referentes à História do Paraná, mas decidiu-se pela proposta de trabalhar a temática no contra turno, estendendo o tempo de 10 à 15 minutos, para 50 minutos, 1 hora para cada discussão, de modo que havosse uma melhor compreensão e problematização de tais conteúdos por parte dos alunos.

Na semana seguinte, apresentarmos a proposta do projeto de ensino em uma reunião com um dos supervisores que ficou encarregado de supervisionar o grupo do Colégio Antonio Diniz Pereira e o Colégio Geremias Lunardelli, o professor Angelo Aparecido Priori, o qual demonstrou um grande interesse e expectativas acerca desse trabalho. Mostramos alguns tópicos e temas a serem trabalhados no projeto de ensino, e escolhemos então 10 deles, sendo o primeiro sobre a Pré-história do Paraná - algo que todos concordaram não ser estudado em sala, pois começasse a História do Brasil com a chegada dos europeus à América.

Após os detalhes acertados, marcamos uma apresentação do referido projeto no Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira com a turma do 9º ano (matutino), turma essa que de acordo com o professor Geraldo José Bueno não possuía nenhuma atividade nos períodos contra turnos, e que este projeto seria então uma maneira para compensar esta turma.

Ao chegarmos na sala de aula encontramos uma turma cheia, a aula do professor Geraldo José Bueno eram as duas últimas após o intervalo e eles estavam agitados, mas logo que ele entrou houve silêncio, demonstrando o respeito que os alunos têm por ele. Apresentamo-nos aos alunos; neste dia estavam presentes a participante Ana Paula Mariano dos Santos, e os participantes Alef Guilherme Zangari da Silva, Cezar Felipe Cardozo Farias, Caio Cezar Inácio dos Santos e João Guilherme Israel Ferreira.

Começamos apresentando a proposta do projeto de ensino, explicando sua importância, e ressaltamos a lei nº 13.381/01, que torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, os conteúdos de História do

---

3 PRIORI, Angelo; SILVEIRA, Itamar Flavio da; ONESKO, Stéfani de Almeida. **Estudando e vivenciando a escola:** a experiência do Pibid de História da UEM, Campus de Ivaiporã/PR. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305535325011>. Acesso em: 30 de out de 2015.

Paraná, e que esta demanda não conseguia ser cumprida devido a redução da carga horária da disciplina de história. Os alunos ouviram mas não demonstraram grande interesse na proposta num primeiro momento; houve então uma pequena intervenção do professor Geraldo José Bueno, que reforçou os pontos e questões que havíamos colocado e por último deu como incentivo a atribuição de 40% da nota bimestral para quem participasse do projeto - os que optassem em não participar, teriam de desenvolver trabalhos referentes a estes conteúdos para compensar esta nota. Vimos então uma mudança em suas faces, um olhar de entusiasmo. Nos despedimos e marcamos nosso primeiro encontro para a semana seguinte.

O primeiro dia da “aula do PIBID” , como tem chamado os alunos que a estão frequentando, foi no dia 09 de julho de 2015; neste dia contamos com a presença do professor Geraldo José Bueno, da participante Ana Paula Mariano dos Santos, e dos participantes Alef Guilherme Zangari da Silva, Cezar Felipe Cardozo Farias e Caio Cezar Inácio dos Santos.

A temática era a Pré-história do Paraná. Optamos por começar explicando como se deu a chegada do homem à América e suas origens. De acordo com Mota (2011, 2012), há hoje em dia debates intensos sobre a origem humana no continente americano, aceitando-se a ideia de que o homem não se originou do nosso continente. O *homo sapiens* teve suas origens no continente africano há aproximadamente 100 mil anos, e em um dado momento migrou para o nosso continente. Sobre sua vinda, alguns afirmam que estas levas populacionais atravessaram o estreito de Bering, na América do Norte; outros acreditam que vieram das ilhas do pacífico, navegando do oeste para o leste, chegando na América central e do sul; e ainda temos os que defendem a tese de que as levas migratórias pelo extremo sul do continente, que chegaram à Terra do Fogo vindos da Austrália e da Nova Zelândia. (MOTA, 2011, 2012).

Em relação ao período de sua chegada, Mota (2011, 2012) diz que sobre isso há um longo debate, pois existem autores que defendem a tese de que o homem chegou à América há mais de 300 mil anos, mas as datações dos vestígios encontrados até então apontam para 12 mil anos - a tese mais aceita por grande parte dos pesquisadores.

De acordo com Mota (2011, 2012), a região do Rio da Prata é habitada por diferentes grupos há cerca de 11 mil anos pelo menos, e a região onde se encontra o Paraná foram encontradas datações que remetem até 9 mil anos atrás.

Tivemos no Paraná duas levas populacionais antes da chegada do europeu em nosso continente. Segundo Mota (2011, 2012), a primeira data de 12 mil a 3 mil anos, seriam povos denominados caçadores coletores pré-ceramistas: as tradições Humaitá, Umbu e Sambaqui.

Os Humaitá, como nos traz Mota (2011, 2012), não deixaram descendentes que conheçamos historicamente, sabe-se até então que eles ocuparam os estados do sul do Brasil e também países vizinhos como Paraguai e Argentina. As características desse grupo se dá por terem sido do tipo bando, com grupos de 40 até 60 pessoas, e esses grupos viviam dentro de amplos territórios. Sua fonte de subsistência se dava através da caça, pesca e coleta, e também fontes vegetais. As habitações desta tradição poderiam ser desde uma simples meia água, até casas mais elaboradas feitas com madeiras, cobertas por folhas de palmáceas ou palhas e também podiam se abrigar sob as rochas.

Os vestígios que esse grupo deixou de acordo com Mota (2011, 2012),

consiste em materiais líticos feitos de pedra, como ferramentas para polir, moer, pilar etc. A grande parte dos objetos produzidos por eles provavelmente eram de materiais perecíveis, que com o passar do tempo foram consumidos.

Os Umbu segundo Mota (2011, 2012), também não deixaram descendentes. Os vestígios que temos deste grupo são as pontas de projéteis e resíduos de lascamentos que podem ser encontrados em diversas regiões do sul e em do Brasil, São Paulo e também nos países vizinhos. Uma das características desta tradição é a ocupação de regiões que preferencialmente se encontravam na maior altitude dos planaltos do Paraná, mas também há vestígios desta tradição nas margens dos rios Iguaçu e também ao longo do rio Ivaí.

Os sambaquis, conhecidos também como pescadores/coletores, de acordo com Mota (2011) e Lima (1999-2000), foram responsáveis por ocupar uma extensa área do litoral brasileiro, indo desde a Serra do Mar do Rio Grande do Sul até a Bahia. Os vestígios deixados por eles consistem nos inúmeros montes que chamamos de sambaquis, que foram construídos por eles com restos alimentares, adornos, conchas, ferramentas, etc. Tanto em planícies quanto nas encostas, na areia ou nas rochas. Esse grupo surgiu nestes ambientes pelo fato de existirem ali variedades de frutos do mar e peixes que compunham sua dieta alimentar. Há ainda hoje em dia os vestígios desses sambaquis no litoral paranaense, que são estudados por arqueólogos que buscam a preservação deste patrimônio.

Após essa primeira leva populacional, como nos mostra Noeli (1999-2000), temos uma segunda leva: as populações ceramistas agricultoras, que consistem nas tradições Guarani, Xetá, Kaingang e Xokleng - temos a presença desses grupos no Paraná datando por volta de 2.500 anos atrás.

Os Guarani, conforme ressalta Mota (2012), são os povos mais conhecidos tanto na arqueologia, como na história, antropologia e linguística. Se caracterizam por terem ocupado os vales e as terras adjacentes de quase todos os grandes rios e seus afluentes. Grande parte dos sítios arqueológicos desses povos está em áreas cobertas por florestas, onde se segue o padrão estabelecido entre as aldeias e as plantações nas clareiras das matas. Eles ocupavam novas áreas, mas não abandonavam as antigas, pois os grupos se dividiam devido ao crescimento demográfico e iam então habitar as áreas que estavam próximas. Eles ainda levavam consigo, além da sua cultura material, as diversas espécies de vegetais, tanto para remédios, alimentação quanto para as matérias primas entre outras, fator este que contribuiu para a biodiversidade brasileira. As aldeias possuíam diversos tamanhos e comportavam até 1.000 pessoas. Organizadas socialmente por parentescos e alianças políticas, cada aldeia podia ter até oito casas que eram construídas de madeira e folhas palmáceas, que abrigavam até 400 pessoas, podendo ter até 8 metros de altura e 40 de comprimento. Sua cultura material era diversificada; confeccionavam centenas de objetos feitos desde ossos, madeiras, palhas, conchas, até vasilhas cerâmicas, ferramentas de pedra etc. Alguns materiais se deterioraram com o tempo, e sobreviveram dessa tradição apenas as vasilhas e as ferramentas de pedra e também materiais feitos com ossos e cochas.

Os Xetá, de acordo com Mota e Novak (2008), não tiveram ainda pesquisas profundas sobre os sítios arqueológicos, excetuando, segundo os autores, um pequeno estudo sobre a tecnologia litica e outro sobre a cultura material. Sabe-se que houve registros de europeus viajantes sobre esses povos no século XIX, e por colonizadores no início do século XX, mas sobre a pré-história desse grupo pouco

se sabe ainda. Existem também os descendentes destes povos que, de acordo com os autores, somam cerca de 100 pessoas dessa tradição Xetá.

Os Kaingang, como diz Mota e Novak (2008), têm na bibliografia arqueológica a denominação Tradição Casa de Pedra; se conhece muito pouco sobre os antecedentes pré-históricos desses povos, apesar da vasta bibliografia e documentos sobre eles.

Os estudos da Arqueologia e Linguística sobre eles mostram a região central do Brasil como seu local de origem; ocuparam as áreas da Região Sul, São Paulo e também outros países. Não se tem datas mais antigas que a dos Guarani, mas é provável que os Kaingang, assim como os Xokleng, foram os primeiros a chegarem no Paraná (MOTA, 2011). Com a chegada dos povos Guarani, os Kaingang foram empurrados ao centro-sul do Estado, e os Xokleng para os contrafortes da Serra Geral, próximo ao litoral.

Os Xokleng, segundo Mota (2012), também são conhecidos como tradição Itararé na arqueologia; tem-se uma volumosa bibliografia sobre essa tradição. Não se tem muitas informações sobre a pré-história desses povos. Sabe-se que as aldeias dessa tradição eram pequenas, geralmente no interior das florestas, elas abrigavam poucos habitantes e também podiam se abrigar em rochas e casas subterrâneas. Eles fabricavam vasilhas cerâmicas que se assemelhavam a da tradição Kaingang, dificultando as pesquisas atuais para identificar suas diferenças.

Boa parte dessas pesquisas e seus resultados foram possíveis graças ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que até a década de 1990 segundo Noelli (1999-2000), teve por objetivo realizar estudos arqueológicos históricos classificatórios ou culturais; com este programa (que era desenvolvido a nível federal e que a Universidade Federal do Paraná participava), tinha-se o intuito de encontrar os sítios arqueológicos, localizar os artefatos e extraí-los; mesmo esta pesquisa não sendo muito profunda, identificou sítios arqueológicos em todo o Brasil, incluindo o Paraná. Porém, o que faltava e que se desencadeou nos anos 90 foi uma arqueologia processual que tinha por objetivo realizar debates com outras áreas do conhecimento, neste caso a história, e então os achados passaram a ser problematizados e estudados e deixaram de ser simples artefatos cuja história não era contada, e começou a ser objeto de estudos históricos das tradições que habitaram o Paraná antes da chegada da terceira leva populacional - os europeus.

Colocadas estas questões, resta discutir como trabalhar com esta temática nas salas de aulas, pois como se trata de um período histórico em que os objetos de estudos não deixaram fontes escritas documentais, precisamos utilizar outros recursos para que o aluno possa ter uma melhor compreensão e assimilação dos conteúdos. Seguindo esta perspectiva, temos embasamento na escola de Annales, que nos finais do século passado se preocupou com os novos problemas, abordagens e objetos da história. A arqueologia, portanto, passa a ter um espaço nas formas de abordagem da história e com isso a cultura material<sup>4</sup> ganha um espaço que antes era quase que exclusivo das fontes documentais (escritas). Mas qual o sentido de se trabalhar com cultura material dentro da história do Paraná, de acordo com Rodrigues, Simão e Mota, (2012):

---

4 Para aprofundamento PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques. **A História nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 180-185.

Trabalhar com objetos e artefatos da cultura material ganha sentido quando nos damos conta de que grande parte do território que compõe as terras do Estado do Paraná está repleta de material lítico e cerâmico sob o solo, formando os sítios arqueológicos. (RODRIGUES; SIMÃO; MOTA, 2012, p. 134).

Ainda de acordo com Rodrigues, Simão e Mota (2012):

Aprender história deve possibilitar ao aluno superar uma dimensão meramente individual do mundo, inserindo-se em uma perspectiva coletiva e universal...é necessário que professores e alunos observem e trabalhem com os dados da observação, sistematizem esses dados, indo além da mera constatação, aprendendo as condições objetivas de vida, utilizando os dados teóricos de situações vividas por outros homens, em outros tempos e em outros lugares, ou seja, problematizem a situação que está sendo estudada.(RODRIGUES; SIMÃO; MOTA, 2012, p. 138).

A utilização do recurso da cultura material, de acordo com Rodrigues, Simão e Mota (2012), tem o papel de desempenhar a fonte para investigação histórica além de ser um recurso didático riquíssimo, onde o aluno passa a atuar em sua formação e sua interação com o passado e o presente.

...o uso da cultura material, com seus objetos, utensílios ou artefatos, além de desempenhar o papel de fonte para investigação histórica, torna-se também um valioso recurso didático que passa a atuar na formação do pensamento histórico como mediador da interação passado-presente.(RODRIGUES; SIMÃO; MOTA, 2012, p. 138).

Portanto, a forma como o professor pode trabalhar esta temática com os alunos, utilizando este recurso, é muito diversificada, como cita Rodrigues, Simão e Mota (2012):

Assim, o professor, ao usar os objetos ou utensílios da cultura material, deve provocar situações que possibilitem questionamentos e problematização em relação ao conteúdo e ao material que está sendo estudado, encorajando os estudantes a investigação sobre o modo de vida do grupo ou sociedade que fabricou tais objetos, partindo de perguntas, como por exemplo: desde quando se tem notícias desse grupo, onde vivia, como era sua organização social, política e cosmológica, como era a economia praticada pelo grupo, de que matérias primas os objetos foram confeccionados, que ferramentas foram utilizadas na fabricação do objeto, qual o tempo gasto na fabricação do objeto, que utilidade os objetos tinham etc.(RODRIGUES; SIMÃO; MOTA, 2012, p. 139).

Uma das possibilidades de se trabalhar com esta temática também é através de museus. Próximo à região de Ivaiporã existe a cidade de Fenix/PR, que há alguns séculos foi uma cidade espanhola, Vila Rica do Espírito Santo, onde houve Reduções Jesuíticas e também populações indígenas, que deixaram vestígios da

sua existência e que estão preservados no Museu dessa cidade, possuindo peças cerâmicas, materiais líticos, entre outros artefatos da cultura material desses povos. Há também as Ruínas da antiga cidade, onde atualmente está interdita para pesquisas arqueológicas. Fica então a ideia de após se trabalhar com a parte teórica sobre a Pré-história do Paraná, a possibilidade de levar os alunos a conhecerem na prática um pouco mais sobre este período através da visita ao museu da região, que fica a aproximadamente 70 Km da cidade de Ivaiporã/PR.

A experiência que o PIBID e o projeto de ensino de História do Paraná possibilitou aos acadêmicos envolvidos foi fantástica. O contato direto com os alunos, a sensação verdadeira de estar em uma sala de aula ministrando um conteúdo teórico, podendo utilizar, testar e experimentar os mais variados recursos e linguagens de ensino, fez com que aquele momento que ocorre só no estágio pudesse ser adiantado, fazendo com que os futuros docentes quebrassem essa barreira.

Por fim, concluímos este trabalho reforçando a proposta do Ensino de História do Paraná nas escolas estaduais com a temática da Pré-história do Paraná, que foi trabalhada dentro do PIBID no Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira, oportunizando os alunos um conhecimento acerca da história do seu Estado, mas que está previsto na Lei 13.381/01, que torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, os conteúdos de História do Paraná, mas que infelizmente essa demanda não consegue ser cumprida, causando aos alunos a carência de tais conteúdos. Essa demanda pode ser suprida como propusemos neste trabalho, no contra turno, possibilitando aos alunos além da forma tradicional de ensino, a utilização de recursos que possam atrair a curiosidade, e despertar o interesse nas aulas de História.

### **Referências:**

LIMA, Tania Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do centro-sul do Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 270-327. dezembro/fevereiro 1999-2000.

MOTA, Lúcio Tadeu. A ocupação humana dos territórios entre os rios Paranapanema e Iguaçu até a chegada dos europeus, em 1500. In: MOTA, Lúcio Tadeu (Org.). **História do Paraná: pré-história, colônia e império**. Maringá: Eduem, 2011. p. 15-34.

MOTA, Lúcio Tadeu. A ocupação humana dos territórios do Paraná até a chegada das populações europeias em 1500. In: **História do Paraná: relações sócio-culturais da pré-história à economia cafeeira**. Maringá: Eduem, 2012. p. 15-34.

MOTA, Lúcio Tadeu; NOVAK, Éder da Silva. A presença das populações indígenas no vale do rio Ivaí: da pré-história à chegada dos europeus. In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOVAK, Éder da Silva. **Os Kaingang do vale do rio Ivaí: história e relações interculturais**. Maringá: Eduem, 2008. p. 17-35.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 218-269. dezembro/fevereiro 1999-2000.

RODRIGUES, Isabel Cristina; MOTA, Lúcio Tadeu; SIMÃO, Ana Paula. Ensino de história e cultura material. In: AMARO, Hudson Siqueira; RODRIGUES, Isabel Cristina (Orgs.). **História**: metodologia do ensino. 2. ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2012. p. 129-144.